

Dialogismo e ensino de língua inglesa na educação profissional: o processo de apropriação verbo-visual do discurso de outrem

Dialogism and teaching of English language in the professional education: the process of verbal-visual appropriation of the discourse of Others

André Cordeiro dos Santos¹

Resumo

Inserido no campo da Linguística Aplicada, este estudo tem o objetivo de compreender o processo de apropriação verbo-visual do discurso de outrem na composição de enunciados em língua inglesa de alunos da educação profissional. Para tanto, por meio da autorreflexão (ALARCÃO, 2011), tomei enunciados de alunos da educação profissional e, para a análise, recorri às discussões de Bakhtin (2015) sobre a presença de diferentes vozes no enunciado; de Volóchinov (2017) sobre a apropriação do discurso de outrem; e de Brait (2013) sobre enunciados verbo-visuais e sua dimensão discursiva. A partir da análise, percebi que, quando da composição de enunciados na língua inglesa, mais do que tomar o discurso de outrem em seu conteúdo verbal à composição de enunciados autorais, os alunos tomam o discurso visual de outrem, caracterizando um processo de apropriação que faz ressoar outros discursos na verbo-visualidade do enunciado como um todo e, conseqüentemente, evidencia posicionamentos ideológicos específicos.

Palavras-chave: *Apropriação do discurso de outrem. Enunciados verbo-visuais. Educação profissional*

Abstract

From the Applied Linguistics field, this study aimed to understand the process of verbal-visual appropriation of the discourse of Others in the composition of utterances written in English language by students of professional education. Therefore, through self-reflection (ALARCÃO, 2011), I have taken utterances written by students professional education and, to the analysis, I mainly resort to Bakhtin's (2015) discussions about the presence of different voices in utterances; Volóchinov (2017) on the appropriation of the discourse of Others; and Brait (2013) on verb-visual utterances and their discursive dimension. From the analysis, I have realized that, when composing utterances in English language, more than taking the discourse of Others in their verbal content for the composition of the authorial utterances, students take the visual discourse of Others, characterizing the process of appropriation that makes other discourses resonate in verb-visibility of the utterance as a whole and, consequently, show specific ideological positions.

Keywords: *Appropriation of the discourse of Others. Verbal-visual utterances. Professional education*

Recebido em: 13/05/2020

Aceito em: 08/10/2020

¹ Instituto Federal de Alagoas (IFAL). <http://orcid.org/0000-0002-8760-192X>

Iniciando o diálogo

O grupo de estudiosos russos chamado de Círculo de Bakhtin – composto por Bakhtin, Medviédev, Volóchinov entre outros –, no contexto do início do século XX, desenvolveu uma teoria dialógica de linguagem que dá conta de congregar o centrípeto e o centrífugo da língua, perpassados pelo social, como partes constitutivas e indissociáveis da interação discursiva. Ao propor essa teoria, o grupo de estudiosos se contrapôs ao subjetivismo idealista/individualista e ao objetivismo abstrato – que representavam movimentos opostos um ao outro de ruptura entre essas partes – sobretudo porque, em nenhuma delas, havia a consideração do social como instância constitutiva dos enunciados. Sem essa consideração do social, de acordo com os escritos do Círculo, têm-se abstrações científicas, objetivistas e/ou idealistas, que não condizem com a realidade da interação discursiva. Observar a realidade da linguagem, de acordo com Volóchinov (2017), exige a consideração do social como instância que perpassa e constitui a interação discursiva; exige um movimento analítico-sociológico em direção aos fios dialógicos materializados em enunciados concretos – que nunca são produtos; são sempre processos.

Essa teoria dos estudiosos é, hoje, amplamente aceita em várias áreas de estudo da linguagem, embora, a depender do campo teórico no qual a teoria é usada, ela seja vista com enfoques diferentes, em união com teorias outras, para atender a objetivos também diferentes. No caso específico deste texto, dentro do campo da Linguística Aplicada (LA, doravante), tomo a teoria dialógica de linguagem como ponto de partida para pensar, em um movimento autorreflexivo (ALARCÃO, 2011), interações discursivas que surgiram no âmbito da minhas próprias práticas didáticas de ensino-aprendizagem de língua inglesa, no contexto da educação profissional da rede federal de educação básica, técnica e tecnológica. Tomo, sobretudo, as discussões dos estudiosos do Círculo que se detêm à coabitação de diferentes vozes no enunciado, que estabelecem relações de sentido entre si e com vozes outras, materializadas em diferentes processos dialógicos, como os modos e as formas de apropriação do discurso de outrem (BAKHTIN, 2015; VOLÓCHINOV, 2017).

Essa aliança entre LA e teoria dialógica se justifica na medida em que a LA, por ser um campo de estudos marcado pela *trans/inter/indisciplinaridade*, assume uma postura de diálogo com diferentes ciências para a investigação de fenômenos linguístico-discursivos em suas dimensões sociais (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011). Fora de uma perspectiva de linguagem igualmente pautada no diálogo e no social, o fazer dessa LA fica comprometido. É nesse sentido que, para a compreensão de processos de interação discursiva decorrentes das minhas práticas de ensino-aprendizagem de língua inglesa na educação profissional, servi-me da teoria dialógica de linguagem no campo da LA, caracterizando o que, aqui, nomeio de “LA dialógica”, na qual as instâncias sociais que permeiam dialogicamente as interações discursivas são indispensáveis à compreensão dos fenômenos discursivos tomados para o estudo da LA.

Expostas essas diretrizes iniciais que justificam a união o dialogismo à LA, passo a descrição do percurso que me trouxe a este estudo. No ano de 2018, ingressei como professor de língua inglesa em um instituto federal de educação básica, técnica e tecnológica. Ao iniciar o trabalho em um dos *campi* da instituição, no sertão do estado de Alagoas, deparei-me com uma realidade de ensino nova, pois, até então, minhas experiências de ensino se restringiam ao ensino fundamental, ensino superior e cursos de idiomas. Dentre as novidades encontradas, estava o fato de os cursos de ensino técnico integrado ao médio – nos quais passei a ministrar aulas de língua inglesa – terem ementas para as disciplinas. Nessas ementas são descritos os objetivos pretendidos pelas disciplinas,

além de cargas horárias, conteúdos programáticos, metodologias aplicáveis de ensino e de avaliação e bibliografias recomendadas. Ao tomar conhecimento das turmas que eu assumiria e lendo as ementas, incomodou-me os objetivos que eram elencados para a disciplina Língua Inglesa III², ministrada nos quartos anos do curso de Agroindústria. Os objetivos giram em torno do reconhecimento e da identificação de elementos da língua inglesa:

- I- Reconhecer a Língua(gem) enquanto expressão cultural e identificar a sua diversidade a partir de leituras críticas;
- II- Identificar as funções da linguagem e os vários discursos presentes nos textos;
- III- Ler textos diversificados a partir do reconhecimento de diferentes níveis da linguagem.

Devido à relação com a perspectiva dialógica de linguagem na minha trajetória acadêmico-profissional, julguei inadequados os objetivos da ementa, já que identificar e reconhecer respondem a uma visão objetivista de língua, e me propus a desenvolver práticas de ensino da língua inglesa pautado na consideração da dimensão linguística (parte centrípeta da língua) em relação indissociável com a parte social (constituente da parte centrífuga da língua); “sem perspectiva teórica dicotômica que separa o aprendizado da língua em habilidade (compreensão/produção) e modalidades (escrito/oral)” (ZOZZOLI, 2002). Como estava propondo um processo didático que fosse além do que a ementa pregava, coletei materiais das aulas, no intuito de realizar a *reflexão na ação*, típica da autorreflexão (ALARCÃO, 2011).

Finalizado o processo de ensino-aprendizagem, e de reflexão na ação, do primeiro semestre letivo de 2018, comecei a observar os materiais que tinha coletado e me chamou atenção os processos de apropriação do discurso de outrem presentes nos enunciados dos alunos. Após consulta aos alunos sobre a possibilidade de uso desses materiais para desenvolvimento de pesquisa, recebi autorização por meio de Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) deles. Submeti proposta de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e obtive parecer favorável (parecer número 3.455.734). Resolvi, então, efetuando um deslocamento cronotópico e exotópico (BAKHTIN, 2015; 2017) – o que implica o deslocamento temporal e o distanciamento da posição de professor para a posição de pesquisador – realizar uma *reflexão sobre a ação* (ALARCÃO, 2011), buscando compreender os processos de apropriação do discurso de outrem presentes nos enunciados decorrentes das práticas de ensino-aprendizagem desse primeiro semestre de 2018, em uma das turmas de quarto ano do curso de Agroindústria.

Sendo assim, o objetivo deste texto é analisar um processo de apropriação do discurso de outrem presente em enunciados escritos em língua inglesa de alunos da educação profissional, *a apropriação verbo-visual do discurso de outrem*. Para cumprir este objetivo maior, analiso os discursos de outrem presentes nos enunciados, caracterizo o processo dialógico-discursivo de apropriação verbo-visual do discurso de outrem e analiso indícios de posicionamento ideológicos decorrentes do uso desse processo.

Para essa análise, como já evidenciado em parágrafos anteriores, do campo da LA,

² A ementa da disciplina é parte do o Projeto de Curso Técnico em Nível Médio Integrado em Agroindústria que pode acessado em: https://www2.ifal.edu.br/campus/site/campus_piranhass/ensino-1/educacao-basica-1/agroindustria/ppc-tecnico-nivel-medio-integrado-em-agroindustria-cpiranhass.pdf/view. Acesso em: 01 de abr. de 2020.

tomo a teoria dialógica de linguagem como meio à compreensão desses processos dialógico-discursivos, sobretudo, a discussão sobre a presença de diferentes vozes no enunciado (BAKHTIN, 2015) e sobre a inter-relação entre discurso de outrem e discurso autorial no enunciado como definidora do enunciado como um todo (VOLÓCHINOV, 2017). Utilizo ainda, no que se refere aos aspectos metodológicos, a autorreflexão como um caminho metodológico para executar a reflexão sobre a ação e as práticas de linguagem decorrentes dela (ALARCÃO, 2011). Por fim, cabe mencionar que este texto surge como parte de uma pesquisa maior, em nível de doutorado.

Dito isso, passo a explicitação e discussão dos aspectos teóricos que servem de base para a análise.

O enunciado como ponte entre o *eu* e o *outro*

À teoria dialógica de linguagem defendida pelo Círculo corresponde o entendimento de que a palavra [e, por extensão, o enunciado] é uma espécie de ponte que liga o *eu* a *outrem*, o que implica dizer que no enunciado há sempre uma zona dialógica de encontro entre sujeitos sociais por meio de seus discursos. Ao defender essa posição, Volóchinov (2017), contrapondo-se às duas correntes de estudos linguísticos do início do século XX – objetivismo abstrato e subjetivismo idealista/individualista –, supera a noção de enunciado monológico e toma o enunciado dialógico-concreto como a unidade mínima de interação discursiva. Esse movimento de contraponto expresso por meio da conferência de um lugar de centralidade do enunciado nos estudos da interação discursiva opera uma mudança significativa nos modos de compreensão da realidade. Com essa mudança, não são mais os caracteres formais de natureza centrípeta isolados que interessam, nem os caracteres psíquico-individuais de natureza centrífuga; o que importa é a correlação entre essas duas partes, perpassadas por instâncias sociais específicas e únicas para cada enunciado realizado.

Essa centralidade do enunciado na teoria dialógica de linguagem se deve ao fato de os estudiosos do Círculo entenderem que a linguagem verbal se materializa em palavras que, não sendo simples objetos linguísticos estáveis, “[...] realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106). De acordo com os estudos do Círculo, esses fios ideológicos são constituintes das relações dialógicas e dão conta de instituírem a heterodiscursividade (ou plurilinguismo) no enunciado, fazendo com que ele se caracterize como sendo o ponto de encontro e interação, em relações de diálogo e/ou de conflito, das diferentes vozes sociais que, de alguma forma, habitam-no (BAKHTIN, 2015). Assim, a construção de sentido pela linguagem depende da consideração dessas diversas vozes, pois a forma linguística vista isoladamente é incapaz evidenciar todas essas relações dialógicas que constituem sentidos; só o enunciado, visto no seu todo-uso, é capaz de comportá-las.

É preciso, assim como faz Volóchinov (2013a), pontuar que há diferenças entre o material discursivo e o material físico (verbal-visual) do enunciado. O que está no plano físico (letras, formas) é diferente do plano do acontecimento do enunciado sem que isso, no entanto, signifique dizer que estejam separados. Para esse autor, a palavra tem um significado, denota um objeto ou uma ação, um acontecimento ou uma experiência psíquica, por isso, quando do uso da língua,

[...] o escritor não trabalha com um material físico destituído de significado, mas com partes que já se encontram elaboradas, com elementos linguísticos preparados, com os quais pode construir uma totalidade somente se tem presente todas as regras e leis que não devem ser transgredidas quando da organização desse material verbal (2013a, p. 133).

Os componentes da língua – sua estrutura sintática, morfológica, fonológica – estão nela para construir enunciados e estabelecer relação com cada momento da vida, diz o autor. Esse entendimento do autor se estende a todo enunciado construído para fins de interação, em todos os ambientes sociais de interação humana. Nesse sentido, Volóchinov (2013b) argumenta que o enunciado é constituído por duas partes: uma verbal e uma extraverbal. Segundo o autor (2013b, p. 174), na parte verbal do enunciado está contida a entonação, a seleção de palavras e a sua disposição no interior do enunciado; na parte extraverbal está contida a “situação” (que engloba o espaço e o tempo, o objeto ou o tema e a atitude dos falantes face ao que ocorre) e o auditório social (VOLÓCHINOV, 2013b, p. 172).

É preciso pontuar que Volóchinov (2013a; 2013b) reconhece a existência de elementos formadores do enunciado – incluindo a língua no seu sentido saussuriano. No entanto, para ele, é impossível conceber o enunciado sem a relação com o outro. Assim, a linguagem é apontada como uma atividade subjetiva, criativa e nela está também o valor da alteridade³, considerando o discurso de outrem na constituição das significações e do próprio sujeito; o valor reflexivo que ela (a linguagem) tem de se voltar para dentro do sistema que a funda e amplia.

Essas múltiplas capacidades da linguagem não escapam às relações com o outro pois, para Volóchinov (2017, p. 205),

[...] a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede tanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “*um*” em relação ao “*outro*”.

Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade, a palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor.

O autor coloca, na palavra, o ambiente de definição de si mesmo em relação ao outro sem, no entanto, perder a noção do todo, da interação. A palavra/enunciado é o lugar comum das relações dialógicas, no processo que Volóchinov (2017) chamou de interação discursiva, organizado pela expressão que remete ao outro, ao exterior.

Ainda a respeito da noção de enunciado, cabe expandi-la tomando o estudo de Brait (2013), sobre a dimensão verbo-visual da linguagem. Considerando todos os aspectos característicos do enunciado pontuados até aqui, Brait toma esses aspectos para a análise de enunciados que combinam o verbal com o visual, argumentando que os escritos do Círculo falam de uma teoria da linguagem geral e, por isso, a linguagem verbal e a linguagem visual

³ Na teoria bakhtiniana, a alteridade é o processo de relação com o *outro* (sujeitos outros, discursos outros etc.), através do qual o sujeito se constitui e constitui sentido por meio da linguagem.

devem ser observadas, quando as duas coexistirem em um mesmo enunciado, como indissociáveis. Assim, não se pode desconsiderar a linguagem visual, nem atribuir a ela o valor menor.

Para sua discussão, Brait (2013) toma por base os estudos do Círculo sobre a dimensão dialógica da linguagem e os estudos sobre a dimensão ideológica do visual⁴ – Efimova e Manivich (1993) e Haynes (1995 e 2013). A partir disso, a autora afirma que não se detém ao estudo só do verbal ou só do visual, mas, ao contrário, trata essas linguagens de forma integrada, apoiando-se no entendimento de que tanto a linguagem verbal quanto a visual

desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente (BRAIT, 2013, p. 44)

Assim, nessa reflexão, Brait (2013) toma as relações dialógicas com suas tensões como base para o estudo da verbo-visualidade, buscando evidenciar a produção de sentidos e efeitos de sentido promovidos pela verbo-visualidade.

Diante da defesa da autora, percebe-se a ratificação da noção de enunciado já posta anteriormente a partir dos estudos do Círculo e se expande essa noção, considerando, nesse rol, a dimensão visual atrelada à verbal. Por conseguinte, é preciso considerar os discursos que se manifestam na verbo-visualidade dos enunciados que nas palavras de Brait (2013, p. 62) se caracteriza da seguinte forma:

o enunciado/texto verbo-visual caracteriza-se como dimensão enunciativo-discursiva reveladora de autoria (individual ou coletiva), de diferentes tipos de interlocuções, de discursos, evidenciando relações mais ou menos tensas, entretecidas pelo face a face promovido entre verbal e visual, os quais se apresentam como alteridades que, ao se defrontarem, convocam memórias de sujeitos e de objetos, promovendo novas identidades (BRAIT, 2013, p. 62).

Considerar essa dimensão verbo-visual do enunciado da qual fala Brait (2013) é fundamental, na medida em que nesse tipo de enunciado, assim como em qualquer outro da interação discursiva, há encontro de diferentes discursos.

Nesse entendimento de enunciado como espaço de encontro entre discursos defendido pelo Círculo – e ratificada por Brait (2013) – está amparada a análise empreendida por Volóchinov (2017) da apropriação do discurso de outrem. Para o estudo desse fenômeno linguístico, apoiado na compreensão de que o enunciado é ponte que permite o encontro entre os discursos do *eu* e os discursos de *outrem*, o que caracteriza o enunciado como heterodiscursivo (BAKHTIN, 2015), Volóchinov (2017) defende que estudar a apropriação do discurso de outrem é imperioso na medida em que ela direciona toda a construção do enunciado e de seu sentido como um todo. Assim Volóchinov (2017), na terceira parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, como um exemplo prático de análise de um fenômeno linguística dentro do escopo de sua teoria dialógica de linguagem, propõe um estudo das inter-relações entre discursos autorais e discursos de outrem em

⁴ Esses escritos tomados pela autora como exemplos de estudo do visual em perspectiva ideológica se baseiam nos estudos do Círculo.

enunciados de romances russos do início do século XX.

Nessa análise, argumentando que o estudo do fenômeno linguístico de apropriação do discurso de outrem só pode se dá no interior de uma teoria bem elaborada do enunciado, Volóchinov (2017) começa por definir o que é o discurso de outrem. Para ele, “O discurso alheio [de outrem] é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249, *grifos do autor*). Nesse modo de conceber o discurso de outrem, fica evidenciado que há uma inter-relação entre discursos no nível sintático, mas, mais que isso, também no nível discursivo. O que pode ser comprovado a partir do que defende Volóchinov (2017), sobre a inter-relação entre discurso autoral e discurso de outrem no enunciado. Para o autor (2017, p. 255), no estudo do discurso de outrem,

O verdadeiro objeto deve ser justamente a inter-relação dinâmica entre essas duas grandezas: o discurso transmitido [de outrem] e o discurso transmissor [autoral]. Pois na realidade, eles existem, vivem e se formam somente nessa inter-relação e não isoladamente, cada um por si.

Assim, mantendo o foco na inter-relação entre os discursos autorais e os discursos de outrem, Volóchinov (2017) propõe estudar a apropriação do discurso de outrem em seus diferentes estilos/modos e formas de transmissão-apropriação. No que se refere aos diferentes modos pelos quais a apropriação do discurso de outrem pode se dá, Volóchinov (2017) distingue duas principais tendências dessa dinâmica: o estilo/moço linear e o estilo/moço pictórico de apropriação. No que se refere às formas, Volóchinov (2017) distingue as formas direta e indireta, com suas variações, de apropriação do discurso de outrem: discurso direto preparado; discurso direto reificado; discurso direto retórico; discurso direto substituído; a modificação analítica-objetual do discurso indireto; a modificação analítica-verbal do discurso indireto; a modificação impressionista do discurso indireto; e a modificação indireta livre.

O primeiro estilo/moço apontado por Volóchinov (2017) é caracterizado pela tendência à criação de contornos exteriores nítidos em volta do discurso citado, correspondendo a uma fraqueza do fator individual-composicional interno, muito embora este não se anule. Na segunda orientação, caracterizando-se de modo contrário ao estilo/moço anterior, há a tendência de atenuar os contornos exteriores nítidos das palavras de outrem, permitindo ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem, sendo possível chegar ao extremo de não ser possível distinguir entre o discurso autoral e o discurso de outrem.

Já as diferentes formas de apropriação constituem variantes das formas linguísticas do discurso direto e do discurso indireto. As variantes da forma direta de apropriação do discurso de outrem são caracterizadas por Volóchinov (2017) da seguinte forma: discurso direto preparado é caracterizado pela apropriação do discurso de outrem introduzida pelo discurso autoral, sendo que esse discurso autoral direciona a compreensão do discurso de outrem, o que pressupõe uma inter-relação entre os discursos; discurso direto reificado é caracterizado pela apropriação que se dá a partir de definições objetuais de outrem, o que cria “sombras autorais” no discurso de outrem; discurso direto retórico é caracterizado pela apropriação do discurso de outrem que surge como resposta a uma pergunta ou expressão retórica do autor; e o discurso direto substituído é caracterizado pelo processo de apropriação no qual o autor fala, mas é como se o próprio outro falasse, o que faz com que o discurso autoral seja o próprio discurso de outrem.

Já as modificações da forma indireta de apropriação do discurso de outrem são caracterizadas por Volóchinov (2017) da seguinte forma: a modificação analítica-objetual do discurso indireto é caracterizada pela transmissão do discurso de outrem a partir da posição semântica do falante outro, transmitindo, analiticamente, a composição objetual do enunciado outro; a modificação analítica-verbal do discurso indireto é caracterizada como uma apropriação do discurso de outrem como expressão, o que significa dizer que, quando se transmite o discurso de outrem, caracteriza-se o objeto do discurso e também o próprio falante, o que permite transmitir também o modo de falar, o estado de espírito etc., do falante outro; a modificação impressionista do discurso indireto é caracterizada pela transmissão do discurso interior de outrem, o que pressupõe um autor onisciente; e a modificação indireta livre é caracterizada como sendo a apropriação do discurso de outrem na qual o *eu* e o *outro* falam juntos, sem que seja possível distinguir entre o discurso do *eu* e o discurso de *outrem*.

A noção de enunciado atrelado à teoria dialógica de linguagem e essa classificação de Volóchinov (2017) dos estilos/modos e formas de apropriação do discurso de outrem são tomadas como base para pensar o processo de apropriação do discurso de outrem que nomeio de verbo-visual, surgido no contexto de ensino-aprendizagem da educação profissional. No entanto, não os tomo como fórmulas a serem aplicadas, por isso, ao invés de nomear de estilo/modo ou forma a apropriação verbo-visual do discurso de outrem, opto por usar o termo processo, pois entendo que, quando do uso dessa apropriação, os estilos/modos e formas de que fala Volóchinov (2017) podem servir como base para esse processo estilístico-discursivo em estudo.

O processo de apropriação verbo-visual do discurso de outrem

A apropriação verbo-visual do discurso de outrem surge no contexto de ensino-aprendizagem de língua inglesa que se deu no primeiro bimestre letivo de 2018. Nesse bimestre, tomei o tema *inequalities between men and women*⁵ como base para as discussões e atrelado a ele, no âmbito linguístico, tomei o *reported speech*⁶ como tema linguístico a ser ensinado. Com carga horária de uma hora-aula semana, desenvolvi atividades de leitura e compreensão de texto, tomando propaganda que visava quebrar estereótipos em relação a mulher como ponto de partida⁷. Nesse processo, também houve a participação da professora de sociologia, Aila⁸, da instituição com uma fala sobre a relação entre machismo e feminismo e as imposições comportamentais decorrentes do machismo tanto mulheres quanto para homens. Como parte da avaliação bimestral, ao final do bimestre, os alunos produziram uma campanha publicitária pregando a equidade entre homens e mulheres.

Desse processo, surgiu uma série de enunciados/cartazes produzidos em língua inglesa, nos quais discursos de outrem são inseridos nas composições autorais dos alunos. Dentre os enunciados, aqui, trago à análise a apropriação do discurso de outrem que nomeio de verbo-visual, servindo-me de dois dos enunciados produzidos. Essa apropriação

⁵ Tradução: desigualdades entre homens e mulheres.

⁶ Tradução: discurso reportado.

⁷ Propaganda da empresa *Those Guys*, disponível em: https://www.facebook.com/pg/callthoseguys/photos/?tab=album&album_id=1850929205161574. Acesso em: 03 de abr. de 2018.

⁸ Nome fictício criado pela professora.

encontrada nos enunciados dos alunos evidencia marcas dialógicas que apontam para discursos outros tanto no seu conteúdo verbal quanto no conteúdo imagético-visual.

Seguindo as orientações para produção de propagandas que pregassem a equidade entre homens e mulheres, divididos em grupos, os alunos produziram uma série de enunciados. Dentre esses enunciados, no intuito de responder à orientação dada pelo professor, um dos grupos montou uma sequência de cartazes nos quais os próprios membros do grupo foram fotografados segurando plaquinhas com textos em inglês. Os textos versavam sobre possibilidade de homens e mulheres assumirem papéis sociais atribuídos ao sexo oposto. Para essa sequência de cartazes, os alunos criaram uma *hashtag* sobre a qual as produções se amparavam: #shecanalso⁹.

Como as produções deveriam ser apresentadas para a turma, o grupo – composto por Sammy, Harry e July¹⁰ – começou sua apresentação falando da necessidade de se romper com os estereótipos sociais que subjagam as mulheres, no entanto, de algum modo, também determinam o que o homem pode ou não fazer. Diante disso, Sammy disse que “mesmo reconhecendo que tanto o homem quanto a mulher são vítimas de estereótipos machistas, é inegável que a mulher acaba sendo a maior vítima. Por isso, criamos a *hashtag* #shecanalso”. Com isso, o grupo demonstra o foco na mulher, por meio do uso do “*she*” (ela) na *hashtag*. Apesar desse foco anunciado, é interessante notar que, já nesse momento, de forma oral, Sammy demonstra, de modo não marcado – portanto, pictórico (VOLÓCHINOV, 2017) –, uma apropriação do discurso da professora Aila que, por meio de sua fala no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, discutiu as imposições que o homem sofre do próprio machismo.

A partir disso, os alunos projetaram seu primeiro cartaz, no qual dois deles aparecem, um deles segurando plaquinha¹¹.

Figura 1: Cartaz 1 sobre equidade entre homens e mulheres.



Fonte: produção dos alunos da disciplina de Língua Inglesa III

⁹ Em português: #elatambém pode.

¹⁰ Nomes fictícios criados pelos alunos.

¹¹ Visando a identidade dos alunos em sigilo, oculto suas faces.

No primeiro cartaz-enunciado, um dos alunos, uma mulher, aparece com a mão no pneu de um carro e, mais à frente, um outro aluno, um homem, está segurando uma plaquinha na qual está escrito: “*I was alone on the roand and she who repaired my car [sic.]*”¹². No texto escrito pelos alunos, há uma inadequação caracterizada pelo acréscimo do “n” à palavra “*road*”. Cabe mencionar que esta e outras inadequações de escrita foram objeto de discussão em sala de aula. No entanto, como não é esse o objetivo principal desta pesquisa, opto por, neste momento, apenas mencionar o reconhecimento dos desvios e esclarecer que eles foram objeto de discussão em sala de aula.

Na interação do visual com o verbal, tem-se a mulher trocando um pneu, situação na qual, no senso comum, geralmente se tem um homem, e o homem sendo ajudado, posição esta que, também no senso comum, quem geralmente ocupa é a mulher. Com isso, o estereótipo da mulher como figura frágil, incapaz de executar atividades que envolvam força física, como a troca de um pneu, e o estereótipo do homem como figura sempre pronta a ajudar sem jamais precisar de ajuda são relativizados. Ou seja, tanto homens quanto mulheres podem ocupar os lugares socialmente estereotipados para o sexo oposto.

A respeito deste primeiro enunciado, cabe mencionar e pontuar que, se observado isoladamente, pode parecer que houve no enunciado apenas uma inversão de lugares ocupados pelo homem e pela mulher, no entanto, estendendo o olhar para a *hashtag* usada pelo grupo (*#shecanalso*), bem como para a fala de Sammy, percebo que não é o caso. A interação entre o cartaz e *hashtag* mostra que os alunos falam de situações nas quais as mulheres também podem assumir papéis sociais diferentes dos que a cultura patriarcal e machista predetermina. Ao fazer isso, os alunos também acabam por fazer o mesmo com o homem: mostrar que os homens também podem assumir papéis normalmente associados à figura feminina. A fala de Harry confirma essa posição, pois, nas palavras dele, “no cartaz, a gente mostra que a mulher não tem que ser sempre o sexo frágil, já que ela pode fazer atividades que normalmente são atribuídas ao homem, como trocar um pneu”.

No que se refere à apropriação do discurso de outrem, para a escrita do enunciado, os alunos usam, de modo não marcado – portanto, no estilo pictórico (VOLÓCHINOV, 2017) – de discursos socialmente correntes e tentam desmontá-los, mostrando que a mulher também pode, por exemplo e no caso específico, trocar um pneu. Além disso, percebo que os alunos respondem dialogicamente ao discurso do professor e constroem cartazes nos quais a equidade entre homens e mulheres se faz presente, fazendo com que o enunciado se mostre como um elo responsivo-ativo na cadeia de interação discursiva da sala de aula. Com isso, os alunos fazem ressoar, no enunciado, outras vozes – do professor, das leituras realizadas, das discussões feitas etc. – do processo dialógico de composição de enunciados (VOLÓCHINOV, 2013b; BAKHTIN, 2015).

Ainda a respeito da apropriação de discursos de outrem nesse primeiro enunciado, há mais que o conteúdo verbal para se observar, pois, para além de uma apropriação do discurso de outrem na dimensão verbal, há uma apropriação refratada do discurso imagético-visual da propaganda da *Those Guys* (exemplo abaixo, figura 2). Assim, como na propaganda usada para iniciar os trabalhos didáticos do primeiro bimestre, há, nos cartazes, a presença de plaquinhas com textos escritos em inglês. Cabe frisar, no entanto, não se tratar de uma mera repetição da dimensão imagética-visual dos enunciados da campanha publicitária, pois, além da parte verbal *nova*, os alunos imprimem algo também *novo* no visual que já era *dado*, como, por exemplo, a presença de um homem e uma mulher no cartaz em uma situação que exemplifica

¹² Apesar do desvio de escrita (*road* escrito como *roand*) o texto quer dizer: Eu [homem] estava sozinho na estrada e foi ela [mulher] que consertou meu carro.

a possibilidade de a mulher assumir papéis atribuídos a homens e vice versa. Portanto, nesse primeiro enunciado, há a presença de diferentes vozes, tanto verbais quanto imagético-visuais, coabitando o mesmo espaço discursivo (BAKHTIN, 2015); tem-se uma apropriação verbo-visual de discursos de outrem.

Figura 2: Exemplo de cartaz da campanha women's day da empresa Those Guys



Fonte: propaganda da empresa publicitária *Those Guys*

No segundo cartaz, o grupo seguiu a mesma lógica do anterior, mostrando homem e mulher em posições sociais diferentes das que geralmente são atribuídas a cada sexo, evidenciada por meio de texto em plaquinha escrita em inglês.

Figura 3: cartaz 2 sobre equidade entre homens e mulheres.



Fonte: produção dos alunos da disciplina de Língua Inglesa III

No cartaz 2, uma mulher está do lado de um caminhão e um homem ao lado dela com uma plaquinha na qual está escrito “*I’m a home owner and my wife is a truck driver [sic]*”¹³. O texto dos alunos apresenta uma inadequação linguística significativa para o sentido do texto. No enunciado, os alunos usam o “*home owner*” como sendo a mesma coisa que “dono de casa” (pessoa que se dedica a cumprir os afazeres domésticos). *Home owner* significa dono de casa, no sentido de posse, refere-se, assim, ao proprietário e não à pessoa que executa as tarefas domésticas. Esse equívoco, conforme dito por eles em discussão na sala de aula, ocorreu porque eles escreveram o enunciado pensando apenas na transposição do linguístico para a língua inglesa e, por isso, eles buscaram apenas a correspondência linguística da expressão do português na língua inglesa (VOLÓCHINOV, 2017).

Por meio do texto escrito, os alunos invertem, mais uma vez, a posição social que geralmente é atribuída ao homem e à mulher e, novamente, não se tem apenas a inversão de posição, pois observando a *hashtag*, percebo que se busca mostrar que a mulher também pode ocupar lugares atribuídos aos homens, como motorista de caminhão. Consequentemente, o posicionamento ideológico que aponta para a possibilidade de o homem também poder ocupar lugares sociais atribuídos à mulher, como cuidador de casa, evidencia-se.

No cartaz também aparece uma plaquinha com um texto em português “É cilada, Bino!”. Para o grupo, o intuito do texto foi só fazer uma brincadeira, retomando uma frase clássica de um seriado da Globo, chamado Carga Pesada. Além disso, um dos alunos do grupo, a que segura a plaquinha, disse que ela quis brincar mostrando que essa inversão em específico era uma cilada para as mulheres. Com isso, percebo a refração do discurso de outrem que acaba assumindo um *novo* significado, já que o enunciado *dado* se refere a uma situação na qual os amigos caminhoneiros são pegos em uma emboscada; percebo a interação entre vozes diferentes, coexistindo, no enunciado, em línguas diferentes; percebo conflitos entre posições ideológicas no discurso dos próprios alunos: eles demonstram um posicionamento contrário às imposições do machismo, mas, por meio da apropriação de um discurso em português, dão indícios de que essa possibilidade de a mulher ocupar posições geralmente atribuídas ao homem pode ser uma cilada, instaurando um novo sentido para o enunciado *dado* do seriado da Globo.

No que se refere à apropriação verbal de discursos de outrem, percebo, mais uma vez, a apropriação sem marcas explícitas da delimitação do discurso outro, o que o enquadra no estilo pictórico de apropriação verbo-visual do discurso de outrem. Na parte visual, a apropriação também ocorre, mais uma vez, a partir da propaganda da empresa *Those Guys*, imprimindo algo *novo* no que já estava *dado* pela propaganda e caracterizando um processo de reflexo e refração do discurso verbo-visual do discurso de outrem.

Como pode ser percebido nos exemplos que trouxe à análise, os enunciados produzidos pelos alunos fazem com que os discursos de outrem se façam presentes em suas produções não só em seu conteúdo verbal, ou no seu conteúdo visual, mas sim em seu conteúdo imagético-visual, a partir do processo de apropriação da forma de organização imagética do discurso outro, o do cartaz da campanha (figura 2), caracterizando o processo de apropriação verbo-visual do discurso de outrem.

¹³ Apesar da inadequação, os alunos quiseram dizer: “Eu sou dono de casa e minha mulher é motorista de caminhão”.

Considerações finais

Neste texto, do campo da LA, servi-me da teoria dialógica de linguagem para a compreensão do processo de apropriação verbo-visual do discurso de outrem, presente em enunciados de estudantes da educação profissional. Para tanto, tomei, principalmente, a noção de enunciado como sendo uma ponte que liga o *eu* a *outrem* (VOLOCHINOV, 2017), o que pressupõe a habitação do enunciado por diferentes discursos de sujeitos diversos (BAKHTIN, 2015) – que pode se dar também por meio da verbo-visualidade do enunciado (BRAIT, 2013). Como caminho metodológico, tomei a autorreflexão (ALARCÃO, 2011), o que pressupõe um deslocamento cronotópico e exotópico (BAKHTIN, 2015 e 2017).

A partir da análise do processo de apropriação verbo-visual do discurso de outrem presente nos enunciados dos alunos da educação profissional, percebi que, quando da composição de enunciados na língua inglesa, mais do que tomar o discurso de outrem em seu conteúdo verbal para a composição do enunciado autoral, os alunos tomam também o discurso visual, caracterizando um processo de apropriação que faz ressoar outros discursos na verbo-visualidade do enunciado como um todo e, conseqüentemente, faz ressoar também posicionamentos ideológicos específicos. Os sentidos, nesse processo, surgem de uma interação dialógica que toma forma no visual em sua inter-relação com o verbal.

Pelo teor autorreflexivo deste estudo – o que pressupõe reflexão sobre a ação para repensar práticas de ensino (ALARCÃO, 2011) –, vistas ao dito no parágrafo, percebo que, quando do trabalho com a língua inglesa, mais do que propiciar situações que favoreçam a compreensão dos elementos verbais da língua, é preciso propiciar situações de construção de sentido que se baseiam em elementos além do verbal, considerando também o visual, seja na relação com o verbal ou não, já que esses elementos, como visto na análise têm implicação para a construção dialógica de sentidos

Referências

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. **Notas sobre Literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BRAIT, B. **Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica**. Revista Bakhtiniana, São Paulo, n. 8, vol. 2: p. 43-66, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/16568/12909>. Acesso em: 15 de jan. de 2019.
- EFIMOVA, A. and MANOVICH, L. (Edit. and Transl.). **Tekstura. Russian Essays on Visual Culture**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1993.

HAYNES, D. J. **Bakhtin and the Visual Arts**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1995.

HAYNES, D. J. **Bakhtin Reframed**. New York: I. B. Taurus, 2013. [Col. Interpreting Key Thinkers for the Arts].

RODRIGUES, R; CERUTTI-RIZZATTI, M. **Linguística Aplicada: ensino de língua materna**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

THOSE GUYS (página de Facebook). **Happy Women's Day**. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/callthoseguys/photos/?tab=album&album_id=1850929205161574. Acesso em: 03 de abr. de 2018.

VOLÓCHINOV, V. Que é a linguagem? In: VOLÓCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013a.

VOLÓCHINOV, V. A construção da enunciação. [1930b] 2013. In: VOLÓCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013b.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2017.

ZOZZOLI, R. M. D. Compreensão e produção responsivas ativas: indícios nas produções de alunos. In: Zozzoli, R. **Ler e produzir**. discurso, texto e formação de leitor. Maceió: Edufal, 2002. p. 17-31